

DOSSIÊ: SEXUALIDADES DISPARATADAS

Apresentação

Não somente assistimos a uma explosão visível de sexualidades heréticas, mas, sobretudo – e esse é o ponto importante – a um dispositivo bem diferente da lei: mesmo que se apóie localmente em procedimentos de interdição, ele assegura, através de uma rede de mecanismos entrecruzados, a proliferação de prazeres específicos e a multiplicação de sexualidades disparatadas. Foucault (2005)

Há muitas definições sobre o que seriam a teoria, os estudos, para não falar da política *queer*. O próprio termo *queer* não tem um único significado em inglês. Poderia ser traduzido como esquisito, estranho, excêntrico, anormal, como também por uma série de xingamentos dirigidos àqueles e àquelas que transgridem convenções de sexualidade e de gênero – expressões da linguagem comum que, conotando desonra, degeneração, pecado, perversão, delimitam o lugar social estigmatizado da homossexualidade e, por extensão, de tudo que venha representar alguma forma de desvio e ameaça à ordem social estabelecida. Se a linguagem do sexo é especialmente poderosa para expressar hierarquias e desigualdades sociais, essa força deve se tornar bem mais complexa e diversificada no cenário contemporâneo de "dispersão de sexualidades" de que fala Foucault. Desse modo, *queer* pode também designar alguém ou algo desestabilizador, num sentido mais amplo.

Segundo o *Dicionário Houaiss* da Língua Portuguesa, disparatado é um adjetivo que qualifica alguém que diz ou faz disparates. A origem do termo é o francês *disparate*, usado por Foucault no original, o qual, por sua vez, designa contra-senso, extravagância, ação ilógica ou estúpida. No trecho que inspira o título do dossiê, Foucault evidencia como o dispositivo de sexualidade, em seu intuito de instituir a normalidade, associa dissidência e dissenso, de forma que o rompimento da norma relega o/a transgressor/a ao reino do absurdo e do despropositado, em suma, à esfera da loucura. A teoria *queer* se recusa a enumerar,

classificar ou dissecar as sexualidades disparatadas, antes propõe evidenciar os processos invisíveis que atribuem à perspectiva da normalidade, identificada como a própria razão, o poder de instituir esta designação-julgamento. Daí o dossiê propor não uma análise das sexualidades disparatadas, mas a ousadia de conhecer sob a perspectiva delas.

É possível reconstituir como esta proposta se disseminou a partir de meados da década de 1980 quando, em meio ao dramático avanço da epidemia HIV-Aids, o termo injurioso *queer* foi apropriado, nos EUA, por uma variedade de pequenos grupos que denunciavam os efeitos normativos, renaturalizadores e excludentes, não apenas das respostas governamentais à epidemia, mas das próprias políticas identitárias hegemônicas nos movimentos feminista, gay e lésbico. A reflexão associada a esse movimento de oposição foi, portanto, desde o início, marcada pela atenção crítica à suposta neutralidade de saberes e práticas, ao trazer à luz pressupostos moralizantes que, freqüentemente, se revelam marcados por intuítos de normalização sexual-social.

No que concerne à proposta teórica mais geral, conforme resumiu o sociólogo norte-americano Steven Seidman (1996:9), os estudos *queer* procuraram, de alguma forma, mudar o foco do debate da categoria homossexual ou da homossexualidade para questões relacionadas à operação do binarismo hetero/ homossexual, sublinhando sua centralidade como princípio organizacional da vida social contemporânea e dando mais atenção crítica a uma política do conhecimento e da diferença. Dessa forma, os estudos *queer* se diferenciariam dos estudos de gênero, vistos como indelevelmente marcados pelo pressuposto heterossexista da continuidade entre sexo, gênero, desejo e práticas¹, tanto quanto dos estudos gays e lésbicos, comprometidos com o foco nas minorias sexuais e nos interesses políticos a elas associados. Cada uma dessas linhas de estudo tomaria, como ponto de partida, binarismos (masculino/feminino, heterossexual/homossexual) que, da perspectiva *queer*, deveriam ser submetidos a uma desconstrução crítica. *Queer* desafiaria, assim, o próprio regime da sexualidade, ou seja, os conhecimentos que constroem os sujeitos como sexuados e marcados pelo gênero, e que assumem a heterossexualidade ou a homossexualidade como categorias que definiriam a verdade sobre eles. De modo geral, o sistema moderno da sexualidade é encarado, da perspectiva *queer*, como um conjunto de saberes e práticas que estrutura a vida institucional e cultural de nosso tempo.² Daí a ênfase dessa teoria na análise dos discursos produtores de saberes sexuais que organizam a vida social suprimindo diferenças.

No Brasil, pelo menos até agora, não se institucionalizou uma área de estudos gays e lésbicos, nem uma linha de teoria e pesquisa que poderíamos denominar de *queer*, no sentido em que existem nos EUA e em alguns outros países. Possíveis exceções seriam iniciativas nos campos da educação e dos estudos literários, mesmo assim limitadas e circunscritas a alguns especialistas.³ Isso não impediu, porém, o florescimento de uma considerável produção sobre sexualidade nas ciências sociais brasileiras, na esteira do interesse sistemático pela

homossexualidade e dos esforços de desvendar a articulação da sexualidade às hierarquias de classe, "raça" e gênero, que vinham sendo postos em prática desde meados dos anos 1970. Se boa parte dessa primeira produção já prefigurava enfoques e perspectivas analíticas marcantes nos atuais estudos *queer* – notadamente o exame crítico das categorias e identidades sexuais e a visão geral da sexualidade como temática privilegiada para a compreensão de configurações e processos sociais, culturais e políticos mais amplos⁴ –, vemos essas preocupações alcançarem um novo patamar no âmbito dos estudos e pesquisas mais recentes sobre sexualidade, que dialogam de forma crítica e construtiva com as variadas tendências *queer* presentes na bibliografia internacional.

É nesse contexto que o presente dossiê se insere, portanto, com o intuito de apresentar um quadro representativo dos modos como, da perspectiva das ciências humanas e sociais, estamos discutindo, incorporando e modificando a teoria *queer*. Longe de reverenciar um paradigma teórico "metropolitano" diante do qual estaríamos "atrasados", oferecemos aqui uma amostra de que, mesmo diante de restrições institucionais e de um certo déficit de legitimidade acadêmica, os estudos de sexualidade no Brasil têm se constituído numa área produtiva e crescente, de ricas interlocuções temáticas e elaborações teóricas relevantes.

Esperamos, também, que as reflexões aqui reunidas ajudem a situar, compreender e avaliar, de forma mais criteriosa e circunstanciada, o impacto das contribuições dos estudos *queer*, que transbordam o domínio estrito da sexualidade para enfatizar suas conexões com questões mais abrangentes do conhecimento e da política. Se não faz sentido converter a teoria *queer* em nova ortodoxia, também não tem cabimento rechaçar as importantes discussões que ela propõe sob a justificativa de tratar-se de uma reflexão "importada" e "alheia" à nossa realidade cultural e política. Em verdade, acreditamos dispor de elementos suficientes para considerar que muito do que se define como *queer* em termos de conceituações e experiências sexual-cognitivas encontra grande ressonância na sociedade brasileira.⁵

Marcia Ochoa, no contexto venezuelano, chegou a se "*loca-lizar*", ou seja, em acordo com o "espírito" da proposta *queer*, deixar explícita a posição que ocupa dentro de sua realidade nacional adotando a denominação espanhola *loca* (palavra que designa gays efeminados e lésbicas masculinizadas) para definir "de onde fala".⁶ Não se trata, aqui, de mera paródia, mas de um posicionamento coerente com a proposta de teóricos *queer*, de que cada metodologia deve se adaptar a contextos culturais e históricos (Sedgwick, 1985). Se as sociedades têm suas formas particulares de definir o que conta como sexual, é nestas particularidades que se encontram identidades abjetas, à margem, sob a perspectiva das quais deve trabalhar o/a pesquisador/a que não incorpora mecanicamente um paradigma teórico estrangeiro, mas sim seu "espírito". No caso, o compromisso *queer* de pensar a sociedade a partir das margens, dos excêntricos, daqueles socialmente estigmatizados a ponto de não serem vistos como parte do humano.⁷

As figuras da "importação" e da "exportação", do "transplante" e da "absorção" não nos parecem, de fato, adequadas para formular a questão aqui envolvida. Como observa a filósofa espanhola Beatriz Preciado, em entrevista republicada neste volume, a própria teoria *queer* participa e é resultado de um complexo tráfico de significações, interpretações e releituras, envolvendo, entre outros, certos textos da filosofia pós-estruturalista francesa, certas críticas da psicanálise e, o que é menos reconhecido, certos estudos inspirados em tradições estabelecidas nas ciências sociais, notadamente na antropologia e na sociologia. Essas influências são retrabalhadas em elaborações singulares que não podem ser simplesmente reduzidas à aplicação desta ou daquela matriz teórica, nem se cristalizar num corpo fechado de proposições, o que congelaria o "movimento auto-reflexivo intenso e contínuo"⁸ do qual a teoria *queer* extrai sua força.

Por conta de sua institucionalização privilegiada no campo das humanidades e dos estudos literários, os estudos *queer* norte-americanos mostraram-se mais sintonizados com a análise da dinâmica dos discursos, segundo a concepção da vida social como um texto que tende a menosprezar a análise sócio-histórica e as conexões entre a dimensão discursiva e a dimensão institucional. Para estudiosos identificados com a perspectiva *queer*, mas críticos dessa ênfase no discursivo e na desconstrução, a teoria *queer* deveria se aproximar mais de uma sociologia capaz de analisar a dinâmica da transformação social sob uma nova perspectiva (Seidman, 1993; Gamson, 2006).

Mas o que haveria de novo nesta teoria social embrionária? A constatação de que o desejo e a sexualidade não são aspectos menos relevantes para a vida social do que as transformações econômicas e religiosas, que guiaram a formação da sociologia clássica, ou da forma como sua versão contemporânea lida com as categorias classe, gênero e "raça". Se assumirmos que o desejo sexual⁹ é uma construção social e histórica na qual se baseia a norma heterossexual, então ele deve marcar processos sociais e institucionais importantes e ainda pouco explorados.

Tendo em mente a observação acima, o dossiê inicia com o clássico "A epistemologia do armário" de Eve Kosofsky Sedgwick, versão reduzida em artigo do livro homônimo, no qual a pesquisadora norte-americana analisa o *closet* como um mecanismo de regulação da vida individual e coletiva no que concerne ao que nossa sociedade considera como vida sexual e amorosa aceitável. Em seguida, Richard Miskolci oferece um breve comentário em que contextualiza o artigo de Sedgwick e busca explicitar seus procedimentos metodológicos inspirados na análise foucaultiana do discurso.

Sérgio Carrara e Júlio Assis Simões prestam uma devida homenagem a Peter Fry no artigo "Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira". Os autores reconstituem parte da história dos estudos antropológicos brasileiros sobre homossexualidade masculina e fazem uma crítica à forma como o modo supostamente brasileiro de organizar categorias

homossexuais tem sido usado para construir e manter uma identidade nacional compreendida como exótica, atrasada e, até mesmo, não-ocidental.

Em "Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay", Richard Miskolci propõe uma análise *queer* do debate contemporâneo sobre a união civil (ou casamento) entre pessoas do mesmo sexo, sublinhando o caráter normalizador do objeto de luta política e contestação conservadora. Márcia Arán e Carlos Augusto Peixoto Júnior, em "Subversões do desejo", apóiam-se em Judith Butler para uma análise crítica dos conceitos de identificação e sexuação na psicanálise, oriundos de uma concepção estruturalista do sujeito e da diferença sexual.

Em "Experiências invisíveis de corpos des-feitos: a teoria *queer* e os intersex", Nádia Perez Pino explora como as mudanças nesta linha de pesquisa estão associadas à incorporação de novos sujeitos, dentre os quais, destacam-se os *intersex* como categoria privilegiada para refletir sobre a forma como a ordem heterossexista constrói corpos e subjetividades.

Os três artigos seguintes constituem-se em etnografias instigantes e teoricamente densas sobre culturas sexuais urbanas contemporâneas. O de Camilo Albuquerque de Braz – "Macho *versus* Macho" – um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo – explora o universo paulistano dos entusiastas do *leather*, práticas sadomasoquistas e fetiches, enquanto o de Andrea Lacombe – "De *entendidas e sapatonas*" –, a partir da interação entre lésbicas em um bar carioca, analisa a forma como estas mulheres constroem a masculinidade em seus corpos. Em "Sobre guetos e rótulos: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo", Isadora Lins França apóia-se em fontes documentais, entrevistas e observação etnográfica para analisar o que reside por trás da recusa recente em usar categorias sexuais na definição de espaços de sociabilidade e consumo.

Por fim, Karla Bessa, em "Os festivais GLBT de cinema e as mudanças estético-políticas na constituição da subjetividade", reconstitui historicamente esses festivais de cinema e especula sobre o potencial deles em incentivar a constituição de novas subjetividades menos marcadas por identidades fixas aprisionadas a imperativos de consumo.

Os artigos aqui reunidos exploram, sob perspectivas particulares, alguns dos temas que marcam a teoria *queer* em suas várias expressões: a interdependência entre hetero/ homossexualidade, as relações entre os saberes e o heterossexismo, as intersecções entre identidades e política além da formação de uma grande variedade de culturas sexuais. Cada um à sua forma propõe novas formas de pensar sobre o desejo sexual e os processos sociais nos quais se inserem, sobre o corpo e as identidades sociais e sobre o modo como categorias de classe, "raça" e gênero constroem-se em uma relação necessária, mesmo que invisível e ainda pouco investigada, com a sexualidade.

Referências Bibliográficas

BUTLER, Judith. *Undoing Gender*. New York, Routledge, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade – A vontade de saber*. Rio de Janeiro, Graal, 2005.

FRY, Peter. *Para inglês ver. Identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

GAMSON, Joshua. As sexualidades, a teoria queer e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman *et alii*. *O planejamento da pesquisa qualitativa. Teorias e abordagens*. Porto Alegre, Artmed, 2006, pp.345-362.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

OCHOA, Marcia. Ciudadanía Perversa: divas, marginación, y participación en la "localización" In: MATO, Daniel. (ed.) *Políticas de Ciudadanía y Sociedad Civil em Tiempos de Globalización*. Caracas, FACES – Universidad Central de Venezuela, 2004, pp.239-256.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. A teoria queer e a Reinvenção do Corpo. *cadernos pagu* (27), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2006.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê. A prostituição viril*. São Paulo, Brasiliense, 2007 [1987].

PISCITELLI, Adriana. Comentário a "Tráfico Sexual: Entrevista de Gayle Rubin a Judith Butler". *cadernos pagu* (21), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2003.

SANTOS, Rick e GARCIA, Wilton (orgs.) *A escrita de Adé. Perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbic@s no Brasil*. São Paulo, Xamã: Nassau Community College/ State University of New York. 2002.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Between Men. English Literature and Male Homosocial Desire*. New York, Columbia University Press, 1985.

SEIDMAN, Steven. Introduction. In: *Queer theory/ Sociology*. Cambridge, MA, Blackwell, 1996.

_____. Identity and politics in a "postmodern" gay culture. Some historical and conceptual notes. In: WARNER, M. (org.) *Fear of a queer planet. Queer politics and social theory*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1993, pp.105-142.

[1](#) Sobre esse ponto ver Piscitelli, 2003:217.

[2](#) Segundo Foucault (2005:100): "A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder".

[3](#) Na educação, cabe destacar os trabalhos de Guacira Lopes Louro (2004) na formulação de uma "pedagogia queer", que já desperta reações contrárias de conservadores religiosos. Nos estudos literários, ver Santos e Garcia, 2002.

[4](#) Cabe lembrar aqui principalmente os artigos seminais de Peter Fry (1982, caps. 3 e 4) sobre homossexualidade masculina e o clássico trabalho de Nestor Perlongher (2007 [1987]) sobre prostituição masculina, que evidenciou a importância do desejo para a compreensão da dinâmica social da sexualidade, bem como tematizou exemplarmente a desestabilização das categorias sexuais e a fluidez e diversidade dos significados envolvidos nas condutas (e derivas) sexuais. A pesquisa foi reeditada recentemente.

[5](#) Remetemos aos citados trabalhos de Fry e Perlongher. Para uma visão das primeiras análises sobre a identidade homossexual no Brasil, explorando afinidades com a perspectiva *queer*, ver o texto de Carrara e Simões, neste volume. Recentemente, durante o *VIII Encontro Fazendo Gênero* (2006) a socióloga Berenice Bento fez uma proposta de adaptar a designação *queer* para o contexto brasileiro já que, sob seu ponto de vista, tanto nossas particularidades quanto a forma criativa com que dialogamos com este paradigma teórico apontam para a invenção, em nosso meio acadêmico, de uma versão sofisticada dele.

[6](#) Sobre a proposta de "loca-lización", ver Ochoa, 2004.

[7](#) A respeito da forma como o *queer*, a partir do ponto de vista dos seres marcados pela abjeção social, propõe uma rediscussão (e ampliação) dos limites do humano, consulte Butler, 2004.

[8](#) Tomamos emprestada a expressão usada por Pedro Paulo Gomes Pereira (2006), em sua resenha do trabalho de Berenice Bento.

[9](#) Aqui cabe lembrar novamente a importância do trabalho pioneiro de Perlongher (2007 [1987]).